



Por um novo Museu de Ciência em Lisboa

Carlos Fiolhais

Os actuais *Museus da Politécnica da Universidade de Lisboa*, juntamente com o Jardim Botânico a eles anexo, ocupam um espaço nobre da cidade e albergam um notável património científico que importa cuidar, valorizar e promover. Um grande projecto científico-cultural que envolvesse a Universidade e o município deveria proporcionar um novo centro de atracção na capital.

Por outro lado, seria uma boa oportunidade para tratar de modo ainda mais profissional o seu património científico (incluindo espólio de medicina e astronomia que está noutros sítios, e que constitui um legado de notáveis actividades científicas nos séculos XIX e XX). Acima de tudo, representa uma oportunidade de a Universidade se abrir ainda mais à cidade, ao país e ao mundo, promovendo a cultura científica para o maior número possível de cidadãos

A actual situação, com dois museus em larga medida divorciados um do outro, é insustentável. Ao défice de uma estratégia conjunta e à não optimização dos custos de gestão e divulgação, acresce o facto de se revelar confuso para o visitante o actual trajec-to. Fez bem, portanto, a Comissão Internacional que apresentou um relatório sobre os museus em propor a constituição de um único Museu. Caminhar nessa direcção representaria não só uma sinergia de esforços mas também uma economia do investimento. E significaria desistir de uma tradição de isolamento das várias áreas disciplinares, que é feita tendo em

atenção interesses particulares e não o interesse geral. A moderna ciência é, de resto, altamente interdisciplinar.

O novo museu exige uma refundação que pressupõe um novo nome e um novo programa, que deve ser procurado de um modo o mais colectivo possível. Não é curial que o novo Museu seja baptizado com o nome de um dos dois museus actualmente coligados sob a designação de *Museus da Politécnica*. Se se tivesse de escolher uma das actuais, o que não tem, *Museu de Ciência* seria até uma designação mais abrangente. Se o novo museu se chamar *Museu Nacional de História Natural* seria uma perda, inglória, do actual Museu de Ciência, que há 25 anos o físico Fernando Bragança Gil criou entre mil dificuldades e que modernamente Ana Eiró tem denodadamente continuado.

Existindo outras Universidades nacionais (Coimbra e Porto) com espólios científicos similares, impõe-se, num país pequeno, de escassos recursos e ainda por cima numa situação de crise, que haja uma colaboração eficaz entre elas, numa estrutura em rede, quer no trabalho técnico de organização e mostra, tanto real como virtual, das colecções, quer ainda na permuta de exposições temporárias ou, pelo menos, de instrumentos, objectos e documentos a incluir nestas. É bom que as escolas superiores com maiores tradições convirjam na defesa de cultura científica. A ligação entre Lisboa e Coimbra, em particular, devia ser reforçada, atendendo até à história comum (Museu da Ajuda devido a Vandelli, Gabinete de Física em Coimbra com origem no Colégio dos Nobres, etc.) A reivindicação junto do governo da nação – que, infelizmente, tem olvidado quase por completo o património científico – de meios poderia e deveria ser conjunta, aumentando com isso a sua probabilidade de êxito. Essa reivindicação não deve fazer esquecer a angariação de apoios que tem de ser feita junto da sociedade em geral. A sociedade, para ter memória e identidade, necessita de dignificar o património científico. E este necessita, decerto, de toda a ajuda que a sociedade lhe puder dar.